

Dom Itamar Vian  
Frei Aldo Colombo

# *Pensando bem*

Histórias e parábolas sobre a arte de viver e conviver



## *Apresentação*

---

Para mim, é motivo de alegria e satisfação apresentar este precioso livro, *Pensando bem*, do querido irmão no episcopado, Dom Itamar Vian.

Ele traz histórias e causos que nos falam da vida, da simplicidade das coisas, apontando-nos para o verdadeiro sentido da existência humana. Seu método não poderia ser outro: nosso autor segue aquele que, contando histórias e parábolas, passando de aldeia em aldeia, passou a vida fazendo o bem, o Mestre Jesus Cristo, o Bom Pastor.

*Pensando bem* é uma obra que anuncia a esperança, ensina a arte de viver e conviver. Seu texto, de fácil leitura e com temas relevantes para o nosso tempo, é capaz de dialogar com este mundo novo que desafia e nos faz perceber nele, como nos ensina o Concílio Vaticano II, as sementes do Verbo Encarnado, esse Deus de amor e misericórdia que nos ama e nos quer bem.

Que a leitura deste livro, como tem acontecido com os anteriores, proporcione aos leitores momentos de alegria e profunda adesão a Cristo Jesus e a sua Igreja.

*Dom Zanoni Demettino Castro*  
Arcebispo Metropolitano  
de Feira de Santana (Bahia)

## *O jeito de caminhar*

---

Morando numa chácara do interior, um homem ganhou de presente três cachorros. Foi buscar os animais com sua carroça. Amarrou os três na parte traseira do carro de boi. Um dos animais se rebelou contra a coleira e contra a viagem. Mordia a corda e era arrastado. Outro cachorro, após examinar a situação, convenceu-se de que não havia remédio, a não ser obedecer. Seguiu tranquilamente o carro de boi. Mas o terceiro pulou para dentro da carroça e, confortavelmente, seguiu viagem.

De alguma maneira, essa alegoria retrata a vida das pessoas. Temos todos um ponto de partida e um ponto de chegada. A nós cabe escolher a melhor maneira de viajar. O primeiro grupo é o dos revoltados. Estão convencidos de que o mundo está contra eles, que o destino os tratou mal ou, na melhor das hipóteses, que eles não têm sorte. Caminham na vida resmungando, arrastando a cruz, na sua opinião, a mais pesada.

O segundo grupo é integrado pelos conformistas: já que está assim, deixa assim, e passam pela vida sem grandes paixões, sem grandes revoltas, sem grandes alegrias. Existem, enfim, aqueles que aceitam a situação e tratam de descobrir as melhores soluções para a viagem da vida. Se o destino me deu um limão, pensam eles, nada como transformá-lo em limonada.

As três alternativas se repetem em toda parte. É, por exemplo, o caso do casamento. O sonho não se realizou e passam a vida praguejando: maldito o dia em que casei. O conformismo marca o segundo grupo. A rotina predomina na viagem a dois. Podem até parecer felizes, mas são dominados por um grande tédio. Por fim, a atitude inteligente. A partir da situação concreta, da vida familiar, as pessoas buscam a melhor forma de resolver a situação, seja através do diálogo ou até se calando, seja fingindo não ver nem perceber as coisas.

Na caminhada da fé, o primeiro grupo segue as leis, por obrigação, criticando tudo e todos. O segundo grupo é marcado por uma constante rotina. São bons cristãos, vão à missa dominical e têm um mínimo de entusiasmo. O terceiro grupo busca na fé a força e o melhor meio de caminhar.

Há na vida coisas que não podemos mudar e outras que devemos mudar. A sabedoria está em distinguir uma da outra; a virtude está em escolher a melhor alternativa. E, em todas as situações, jamais pode faltar o amor. O caminho está traçado, e o jeito de caminhar, nós é que o escolhemos.

## *Só o bem vence o mal*

---

Houve uma briga entre duas comadres e, em função disso, a inimizade se estabeleceu. As duas nem se cumprimentavam. Com o tempo, dona Luiza chegou à conclusão de que essa atitude era infantil e não servia para nenhuma das duas e, por isso, resolveu tentar a reconciliação.

Uma semana depois, encontrou a comadre, Maria Eduarda. Cumprimentou-a e disse: “Estamos nessa desavença há anos, sem nenhum motivo grave. Quem sabe, a partir de hoje, podemos fazer as pazes e viver como duas boas e velhas amigas”. “Vou pensar no caso”, respondeu ela, “e dou a resposta nos próximos dias.”

“Partindo de dona Luiza”, pensou Maria Eduarda, “coisa boa não deve ser. Qual será o golpe que está preparando? Mas ela não me engana.” Chegando a casa, Maria Eduarda preparou uma cesta de presentes, cobrindo-a com um lindo papel, mas encheu-a de esterco de gado. Mandou sua empregada levar o presente, com uma dedicatória: “Aceito sua proposta de amizade e, para selar nosso compromisso, envio este maravilhoso presente”. Dona Luiza, naturalmente, não gostou, mas não se exaltou. Era evidente que a comadre preferia a guerra.

Alguns meses depois, foi a vez de dona Luiza presentear sua comadre. Enviou a ela uma caprichada cesta.

Desconfiada, Maria Eduarda pensou em jogar tudo no lixo, mas a curiosidade a venceu e ela abriu a caixa. Lá estava um vaso com lindas rosas, acompanhado de uma dedicatória: "Ofereço estas rosas como sinal de nossa amizade; foram cultivadas com o adubo que você me enviou!".

A sabedoria popular ensina que somente podemos dar aquilo que possuímos. É no coração que se originam as coisas boas e más. É ainda o coração que tem a possibilidade de profanar as coisas boas e transformar as negativas. Uma arma nunca é mortal. Ela se torna mortal quando alimentada pelo ódio. Uma bomba nas mãos de São Francisco não ofereceria nenhum perigo, mas um coração irado pode agredir até com um ramo de flores.

Se pagarmos o mal com o mal, estaremos devolvendo-o com a mesma moeda e o receberemos de volta. Se pagarmos o mal com o bem, estaremos figurando entre os discípulos do Mestre. Somente o bem é capaz de vencer o mal. Perdoar é zerar o mal. E, quando fizermos isso, a paz infinita descera sobre nós. O perdão cura, alivia e salva. Perdoar é a maior recompensa que podemos dar a nós mesmos.

## *Viciados em trabalhar*

---

Um empresário, dono de várias empresas, depois de anos de trabalho, conseguiu passar uma semana com a família numa pousada na ilha do Bananal. Num passeio no rio Araguaia, conheceu um pescador. Todos os dias ele ia a um ponto privilegiado do rio, com seu barco movido a remos, e fígava dois peixes. Um era para a família, e o outro ele vendia e comprava produtos para sua alimentação diária.

Nasceu entre eles certa amizade, e o empresário achou-se no direito de sugerir-lhe um futuro melhor. Ele poderia pescar mais peixes e, com as economias, comprar um barco a motor. Com maiores lucros, poderia comprar um segundo barco, que confiaria a um empregado. O passo seguinte seria construir uma pequena câmara fria onde armazenaria o pescado, para oferecer aos hotéis e supermercados. E, depois disso, poderia construir uma casa confortável na ilha, ampliar seu negócio e mesmo transferir-se para a capital.

“Suponha que eu consiga tudo isso”, disse o pescador, “mas quais seriam as vantagens?”. “Você poderia fazer turismo, como eu faço, curtir a vida e, até mesmo, poderia vir a esta ilha encantadora e, por puro prazer, pescar alguns peixes...”, disse o empresário. Com um

sorriso, o pescador concluiu a conversa dizendo: “Ou seja, fazer exatamente aquilo que já faço”.

Na vida, corremos o risco de criar algumas dependências. Existem hábitos que acabam ficando muito fortes, tornando-se fardos que condicionam nosso modo de ser. Eis algumas das dependências mais comuns: a droga, o fumo, a bebida, o sexo, a internet... Há outras, mais disfarçadas, mas não menos perigosas. É o caso da preguiça e da atitude contrária, o excesso de trabalho. Muitas pessoas são viciadas em trabalho.

O trabalho é uma necessidade. São Paulo dizia: “Quem não quer trabalhar, também não deve comer” (2Ts 3,10). Para Calvino, a preguiça era o pior defeito. O trabalho é um serviço que prestamos aos demais e, com ele, ajudamos Deus a concluir a criação do mundo. Quando é benfeito, transforma-se em oração. Se passa dos limites, torna-se perigosa dependência. Esta dependência compromete a família, a fé, a saúde, os amigos, e costuma associar-se à ganância, fazendo-se do dinheiro um ídolo.

Quais são as coisas mais importantes? É a família, a religião, o trabalho, o descanso, o serviço gratuito, as amizades... Em função deles, devemos estabelecer prioridades e organizar nossa vida. Essa é a receita para ser livre e feliz.



## *Os culpados são os outros*

---

A empresa ia de mal a pior. Os prejuízos se acumulavam nos últimos anos e os próprios funcionários estavam desmotivados. Uns achavam que a culpa era da direção, outros, que era a crise e a situação do país. Um terceiro grupo era da opinião de que os funcionários é que eram péssimos. Havia um ponto em que todos concordavam: a empresa não tinha futuro. Para reverter a situação, foi chamado um especialista. Após duas semanas, ele concluiu o trabalho e anunciou que apresentaria a solução na semana seguinte, pois a empresa era viável.

Quando os funcionários e a direção da empresa chegaram, na segunda-feira, encontraram na portaria um cartaz que dizia: “Faleceu ontem a pessoa que impedia o crescimento desta empresa”. Em letras menores se informava que o velório estava acontecendo na parte central da empresa. Um misto de alívio e pesar se apoderou de todos: quem será que estava atrapalhando a empresa e o seu progresso?

Os funcionários se dirigiram ao local, onde estava armado um caixão, com música de fundo e as clássicas velas. Em fila, um por vez se aproximava do caixão e olhava para dentro deste. No lugar do cadáver havia um